

“OI?”<sup>1</sup>

**WHAT?**

Maria Cecilia Mollica

Universidade Federal do Rio de Janeiro/IBICT/CNPq

Rodrigo Alípio

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé/FAFIMA

Thaís Lofeudo

Universidade Federal do Rio de Janeiro/IC-PR-5

Samara Moura

IC/CNPq

#### RESUMO

Neste artigo, atestamos que a micro análise, voltada para a investigação dos enquadres conversacionais diferentes, sob uma perspectiva qualitativa, com base em postulados da Sociolinguística Interacional, mostra-se suporte teórico metodológico adequado e instrumento poderoso para analisar os operadores discursivos e suas funções. Focalizamos o vocativo ‘oi’ que, hodiernamente, sofreu processo de gramaticalização e é usado discursivamente como estratégia de processamento e/ou de conotação negativa no jogo da conversa. Nós nos baseamos nos estudos de Brown e Levinson (1987), que retomam e ampliam a conceituação de face proposta por Goffman (1970), com o objetivo de analisar o emprego da forma “Oi” como operador discursivo, recente e usual no Português do Brasil. Para tanto buscamos ocorrências desse operador nas mais diversas amostras de dados disponíveis virtualmente, como NURC-RJ, Banco de Dados Interacionais do PEUL. Foi necessário ampliar nossa busca também a dados dispersos, encontrados na new media. Os dados revelam que a forma introduz quebra de face tão marcada, que já se pode até evidenciar o operador registrado em charges de jornal de grande circulação.

**Palavras-Chave:** operador conversacional; quebra de face; sociolinguística interacional.

<sup>1</sup> Tradução livre mediante a ausência de termo com a mesma funcionalidade interacional.

## ABSTRACT

In this article, we postulate that the micro analysis, focused on the investigation of conversational different framings, from a qualitative perspective, based on postulates of Interactional Sociolinguistics, seems to be an appropriate methodological and theoretical support and a powerful tool to analyze the discursive operators and their functions. We focus on the vocative 'OI' that has undergone the process of grammaticalization so that it is used as a strategy for processing with negative connotation in interactions between people. We draw on studies of Brown and Levinson (1987), which reproduce and extend the concept of face proposed by Goffman (1970), with the aim of analyzing the use of the form "OI" as a new discourse operator in Brazilian Portuguese. On that purpose, we seek instances of this operator in several data samples virtually available at NURC-RJ, Database Interactional of Peul. It was also necessary to expand our search to dispersed data found in the new media. The data reveal that the pattern is such a strong break of face that they are already registered in charges from general circulation newspapers of general circulation

**Keywords:** break of face; conversational strategies; interactional sociolinguistics.

## 1. Expressão de saudação e operador interacional

A língua portuguesa oferece muitas opções de saudação nas modalidades falada e escrita. As mais populares são “olá!”, “como vai?”, “tudo bem?” Expressões de saudação, culturalmente, diferem bastante entre as línguas e entre grupos distintos numa mesma língua, como resume o trecho de texto intitulado *O extraordinariamente complexo comportamento de dizer “Oi”*, de Robson Faggiani<sup>2</sup>

“Dizer “oi”, como vimos, é uma confluência da nossa história como espécie e da nossa história pessoal. Mas a palavra “oi” é utilizada apenas pelos falantes de português. Um americano ou inglês falaria “hi”. Nossos hermanos, por sua vez, diriam “hola”. Cada grupo tem um conjunto específico de palavras e a origem desse conjunto é produto da história da cultura. Praticamente tudo o que aprendemos em nossa história pessoal é relacionado com a história da nossa comunidade. (FAGGIANY, 2008).

<sup>2</sup> Acessível em: <[www.psicologiaeciencia.com.br/o-comportamento-de-dizer-oi/](http://www.psicologiaeciencia.com.br/o-comportamento-de-dizer-oi/)>

Por meio das interjeições e expressões de tratamento, é estabelecido o primeiro contato com o interlocutor. A saudação é, então, a ação ou o efeito de saudar, o cumprimento, a felicitação que manifestamos em relação ao interlocutor, presente ou ausente, através da fala e da escrita. Inscritas culturalmente e contextualmente, as saudações linguísticas podem também traduzir-se em gestos, expressões faciais, trejeitos.

Grosso modo, na modalidade escrita, as saudações costumam ser mais formais, embora, nas mídias digitais, sejam frequentes as ocorrências de saudações usadas comumente na fala. Em empresas, nas correspondências internas ou na relação cliente/atendente, verifica-se a presença de expressões como “Exmo. Sr. X”, “Prezado Senhor X”, “Querida X”, “Prezado cliente”. Em algumas, aparece somente o nome do destinatário, ou, ainda, “pessoal!”, “gente!”, especialmente quando se quer veicular a noção de envolvimento. Políticos de maior liderança costumam utilizar “meu povo”, “brasileiros e brasileiras”, “queridos eleitores”, “meus caros ouvintes”, formas que expressam respeito e certa proximidade. Barbosa (2010) oferece importante contribuição ao tema no âmbito das mensagens trocadas entre alunos e professores em EAD.

Com função fática e em contextos interacionais, tais expressões marcam o início, a continuidade e a finalização de um contato. Na área da Linguística Conversacional, tais empregos situam-se no rol dos operadores discursivos, de acordo com Shiffrin (1987). Ao telefone, costumamos dizer “alô?”.

“Oi, como vai?” ou simplesmente “oi?” difundiu-se na língua em situações informais e até em contextos formais, dependendo do grau de intimidade entre as pessoas. Por processo icônico, “oi?” se tornou nome de importante empresa de telefonia celular. A cunhagem de OI surge provavelmente do operador conversacional, após mecanismo de recategorização, mais hodiernamente denominado de gramaticalização (HINE, 1991).

Houaiss (1980) registra o “oi?” como interjeição de saudação, que também pode ser empregada para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado e, ainda, como chamamento ou resposta a um chamamento. Bechara (2009), por sua vez, define a expressão como uma interjeição, usada no português do Brasil (doravante PB) para indicar chamamento, resposta

a chamados, ou pedido de repetição do que já foi dito. O gramático indica também que “oi?” é uma forma jovial de saudação, um vocativo expressivo. Indica que há outras partículas de dúvida, de suspeita, admiração: *hum!*, *hem!*, *hein?*.

Para os falantes que tentam explicar o que vem a ser a palavra “oi?”, no site Yahoo Respostas<sup>3</sup> encontramos análises de caráter bem estrutural, como as explicações de (1) a (5), nas quais algumas observações revelam desconhecimento a respeito. É interessante a observação do falante, em (9), acerca da mudança de “oi” para “ó”, em sua região, ou, em (8), “oi” como saudação mais comum no Brasil.

- (1) oi! interj., Brasil, emprega-se para cumprimentar, chamar, mostrar espanto ou indicar que não se ouviu bem aquilo que foi dito pelo interlocutor.
- (2) Tatih,: “Oi” é um cumprimento Tupi, e é uma das muitas palavras indígenas que utilizamos no português brasileiro.
- (3) “Oi” é uma interjeição que expressam um cumprimento positivo de boas-vindas. É utilizado como saudação entre duas pessoas.
- (4) É uma meta linguagem. Uma forma de testar o canal de comunicação, do mesmo jeito que Alô, Coé, fala, etc..
- (5) Chamamento, resposta ao apelo do nome, saudação jovial.
- (6) “Oi” é o mesmo que dizer olá.
- (7) A palavra é um cumprimento para uma pessoa.. o significado dela é “Oi” mesmo, não há significados mais específicos do que é “o” ou “i” por que ela não é uma palavra não sei como explicar em termos assim de que os professores de portugues falam... mais creio que ela nao seja um substantivo ou algo assim... um professor falaria de modo mais facil... no entanto

<sup>3</sup> Acessível em:<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20060821092543AA54QXn>

há o Oi do célula este já deve ter algum significado mais eu não sei.

- (8) No Brasil, o termo “oi” é o mais comum. A saudação mais clássica é: “Oi, tudo bem?”. Com a resposta: “Tudo, e você?”.
- (9) Na cidade onde estou trabalhando agora não se fala oi, fala ó, só para ilustrar !!!! bjã
- (10) Oi!!! Não sei, mas faria uma falta danada se não existisse
- (11) Sabe que nunca pensei nisso???
- (12) Oi tava na peneira, oi tava peneirando.

Das tentativas de explicação presentes no site, podemos supor que a forma “oi?” tenha sido incorporada ao português através de um empréstimo linguístico que sofreu processo de gramaticalização, a partir de uma forma mais antiga de saudação, usada regionalmente em cantigas, como lembrada em (10), até chegar a “oi” como observa o internauta em (9) e, finalmente, tornar-se um marcador conversacional (Cf. exemplos 14, 15 e 16).

Numa busca na web sobre a etimologia da interjeição, a origem de “oi” como saudação é motivo de especulação em várias fontes. Veja-se no site Orkut:<sup>4</sup>

Qual a origem da interjeição Oi? Você sabe...

Donde vem a interjeição Oi? Gente, tenho um blog chamado [www.brasileiroseportugueses.blogspot.com](http://www.brasileiroseportugueses.blogspot.com) em que falo de muitos assuntos concernentes aos dois povos. E entre os muitos assuntos que posso levantar, está também características linguísticas. Já pesquisei sobre a origem da interjeição Oi mas nada sobre a origem desta expressão “puramente” brasileira. A única opção que me ocorre, pois parece ser a mais lógica - pesquisem para confirmar

<sup>4</sup> Acessível em: <http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=5603588327381741052&cmm=2397792&hl=pt-BR>

se quiserem - é que o nosso Oi vem do holandês. E por quê? É notório que Pernambuco foi por alguns anos uma colônia da Holanda, pois Portugal tinha uma batata quente chamada Napoleão nas mãos - acho que foi este o motivo - e desleixou por algum tempo as suas colônias, e como bom curioso que sou, queria aprender alguma coisa em holandês. E queria aprender a dizer o peste do Oi em holandês e o que descobri? HOI - A diferença é que o H é pronunciado como no inglês, ou seja, pronuncia-se rôi. Quiçá não seria o peste do HOI holandês o pai do nosso Oi? Se alguém souber de alguma informação mais precisa, diga-me, se faz favor. (7 mai, Anônimo)

Oi” é um cumprimento Tupi, e é uma das muitas palavras indígenas que utilizamos no português brasileiro (10 mai, Anônimo)

Olá, tudo bem? Fico grato por ter respondido, mas eu sou um leitor exigente e gostaria que vc me dissesse a fonte donde vc obteve esta informação, pois não posso postar isto assim no meu blog sem ter uma fonte(livro, almanaque, enciclopédia,etc...) confiável, pois eu e o meu blog poderíamos perder o crédito se alguém postasse lá que a informação estava errada, entende? Então se puder, disponibilize o link da página donde vc tirou esta informação se foi na net ou diga-me o título do livro donde a tirou, por favor. Os meus melhores cumprimentos.

Nos dicionários consultados, encontramos apenas a origem da palavra “o” (ou “oh”). Segundo Geraldo da Cunha (1982), trata-se da interjeição “illu” proveniente do Latim. O dicionário registra também que uma das funções de “olá” vincula-se à interjeição para indicar espanto, que serve para fazer uma saudação. Introduzida no português no século XVI, tem origem na forma “oula” que, por dedução, deve ter sofrido processo de monotongação, formando “ola”>“olá” até chegar a “oh”. Não há, porém, qualquer registro de “oi” e sua origem.

Uma hipótese plausível a ser ainda investigada postula que teria havido dois continua de formas, um ainda presente no PB, projetando a cadeia “olha só” > “olha” > “oia” > “o”, e outro formado por “oula” > “ola” > “olá” > “oh” > “ó”. Essas são meras especulações, porque as funções de saudação e de marcador conversacional no início de turno, tal como postulado em Macedo&Silva (1996) e atestado em Castilho (2010), registram somente as formas “olha” e “oh” como marcadores de início de turno. Os autores também não fazem qualquer menção quanto ao “oi” e sua relação com as formas elencadas. Entendemos, então, que o tema deveria ser melhor investigado numa abordagem funcionalista.

No trecho extraído de amostra de fala do PEUL (2000)<sup>5</sup>, registram-se empregos de “olha” e “o” com função de solicitar a atenção do ouvinte.

(13) E: Mas, por exemplo, tem algumas atividades no seu colégio como...é:... sê chefe de torcida, né?

F: Olha, é assim, no colégio tem um grupo meio assim de vinte ou trinta crianças, não, vinte, é, que é assim, tipo sou eu, a minha outra amiga e a outra (inint)e o outro que é menos que o nosso assim é o <pop...> é o popular do ano, o mais popular, aí o outro é baixinha, não tem nada, (inint) entendeu? aí assim, a gente brinca de muitas coisas, [uma]...uma pessoa do outro time vai, um outro não é time, é tipo amizade, outra pessoa do de outro grupinho que fica junto vai no nosso time, no nosso grupo assim e brinca assim, entendeu?

F: E a gente sai às vezes, né? Só que a gente tenta melhorar em algumas coisas só que não consegue não.

E: Olha! (Riso E) E os seus outros irmãos, o que você acha deles?

F: São legais, melhor do que [o]... o meu outro irmão.

E: Foi Brasil contra não sei que... (riso). Ah, interessante. Oh, sobre essa Copa, essa última, a gente não sabe se foi trato ou não, né? Mas se foi trato, o que que você acha disso? Deles terem feito esse trato?

<sup>5</sup> Acessível em: <http://www.peul.lettras.com>

No trecho, o entrevistador faz uso das expressões para enfatizar o que está dizendo e manter a atenção do entrevistado.

Há quem já tenha se debruçado sobre a intrigante origem de “oi” e a possível “jogada” de marketing da operadora de celular “Oi”. Leia-se a opinião do professor João Valente Miranda Leão Neto sobre o assunto.<sup>6</sup>

Numa sacada genial de sua equipe de marketing, uma Operadora de Celular descobriu uma palavra-chave cuja massificação vem provar a extrema influência da mídia sobre as consciências. Contrariando todos aqueles que acham que a Televisão não influencia comportamentos e não pode ser responsabilizada pela decadência Moral da pós-modernidade, **uma marca de Operadora de Celular e a propaganda de seu nome ficaram tão incrustados na consciência do povo que já é possível perceber dúvida e até confusão na hora de determinar quem originou quem: se teria sido o hábito popular de saudar dizendo apenas “Oi” que levou a Operadora a usar a palavrinha mágica como seu “nome de fantasia”, ou se foi o nome da Operadora que fez o povo usar “Oi” como saudação...** Claro que isto ainda não passou para o inconsciente coletivo que pereniza todas as coisas, mas como já é possível notar certa confusão sobre as origens, podemos afirmar que não demorará muito até que a próxima geração ensine nas escolas que **“todo mundo passou a saudar pessoas apenas com o ‘Oi’ que uma Operadora de Celular inventou para encurtar tempo e custo de suas propagandas”**. E daqui a 3 ou 4 gerações, o povão “entenderá” que a Operadora foi a autora desta milagrosa palavrinha, que ao mesmo tempo saúda e cumprimenta com sinal de atenção intimista (pois “Oi” também conota o “óia” dos matutos, que também significa “olha comigo”, ou “presta atenção aqui”, e muito mais) (NETO, 2011, grifos nossos).

<sup>6</sup> Acessível em: <http://www.webartigos.com/artigos/de-onde-vem-o-oi-que-substitui-o-bom-dia/62947/>

O autor parece ter se dado conta da relação entre o operador discursivo “oi” e a Operadora de Celular OI. Nossa hipótese a respeito de a origem de “oi” ter sido via processo de gramaticalização procede, nesse sentido. O “oi” interjeição teria tido proveniência do “oia”. Por erosão fonética (Givón, 1995), teria sido recategorizado como operador discursivo-interacional e, novamente por recategorização, tornou-se nome próprio, denominando a operadora celular “Oi”, através de processo conceptual metafórico, nos termos de Lakoff (1980[2002]).

Neste artigo, porém, não pretendemos desvendar a origem de “oi” como marcador conversacional. Buscamos tão somente fornecer algumas evidências de seu uso e de seus efeitos de sentido em eventos interacionais de fala.

O site Wikcionário<sup>7</sup> de consulta livre, por seu turno, registra a entrada da interjeição “oi” em 1980, indicando no Brasil as funções de: (1) cumprimento que se faz ao encontrar uma pessoa, seja como mecanismo de saudação, seja como estratégia de chamar a atenção; (2) resposta quando se é chamado. Os exemplos aparecem em (14).

- (14) A - **Oi** Maria, tudo bem?  
 B - João!  
 - **Oi!**

A partir dos exemplos em 14(A) e 14(B), identificamos outra função para “oi” além da de simplesmente “saudar”, “cumprimentar” ou marcar “falta de entendimento”. Equivalente a “como?”, a partícula tem clara função de operador discursivo, em evento linguístico-interativo, quando se quer marcar presença: em (B), “oi?” marca a presença do par adjacente, na conversação, ao atender o interlocutor.

Neste estudo de caráter exploratório, buscamos provar que há o uso do marcador conversacional “oi?” (SHIFFRIN, 1987; GUMPERZ, 1982; MARCUSCHI, 1985) como estratégia discursivo-interacional através da qual o interlocutor solicita a repetição de uma pergunta, como no trecho (15), extraído do Banco Interacional do acervo do PEUL<sup>8</sup>. No entanto, nos **interessa salientar que existe outro emprego não cooperativo**

<sup>7</sup> Acessível em: <http://pt.wiktionary.org/wiki/oi>

<sup>8</sup> Acessível em: [www.letras.ufjf.br/peul](http://www.letras.ufjf.br/peul)

do “oi?” cujo objetivo é a quebra de face do interlocutor (grifos nossos), registrado em (14).

(15) BDI: BURQUESÃO DO CT

Data: 21.11.89

Participantes: Neide, Jurema, Ana Maria, Romilson e Marcelo

- 419 Quem?  
 420 (Nei) Seu Hugo!  
 421 (Jur) Tadi=nhó!  
 422 Respeita seu Hugo!  
 423 Respeita ele.  
 424 (Ana) O Brizola tem que amaciar o sapato  
 425 pro Lula entrar.  
 426 (Nei) **Oi?**  
 427 (Ana) O Brizola tem que amaciar o sapato  
 428 pro Lula calçar.  
 429 (Jur) Tadinho  
 430 o Lula é tão=  
 431 o Lula vai calçar direito

Em (15), Nei de fato não escutou o que Ana havia dito, “O Brizola tem que amaciar o sapato pro Lula calçar”, e solicita a repetição através do marcador conversacional “oi”. Ana entende o pedido (em 426) e, de forma cooperativa, repete o que disse, lançando mão de efeito metafórico, o que é imediatamente interpretado por Jur, que responde: “o Lula vai calçar direito”.

O emprego de “oi?” se verifica novamente em (16), em que a função discursivo-interacional é intencional.

(16) BDI 1: BURGUESÃO DO CT

Data: 21.11.89

Participantes: Neide, Jurema, Ana Maria, Romilson e Marcelo

- 073 (Ana) Quem pegou a salada nesse prato?  
 074 Nada.  
 ((Ruídos))

- 075 (Rom) Deve tá caindo todo.  
 076 Fui pegar mais porque o prato tá=  
 077 pequenininho. (12.87)  
 078 (Mar) Tá vendo como o=  
 079 ambiente faz as pessoas. (3.41)  
 080 (Jur) O PRATO faz as pessoas. ((Rindo))  
 081 (?) Hum=  
 082 **Oi?**  
 083 (Jur) Ele falou pra mim que o ambiente faz as pessoas  
 eu falei que o prato FAZ as pessoas. (5.40)  
 084 (Nei) Olha não tão deixando eu falar  
 085 Jurema dá cada=  
 086 coice inoportuno.

A indicação de riso, na transcrição, deixa claro que Neide está sendo colocada de fora da interação. A utilização de “oi” em (16) constitui uma estratégia conversacional de cooperação e envolvimento como analisa Tannen (1982). Ao contrário, o marcador “oi?”, em 082, é indicador de discriminação, de afastamento de um dos participantes no jogo da conversa.

De maneira semelhante, porém mais polida e explícita, a intenção do entrevistado em passar por desentendido é sutilmente registrada pelo “Como? Não entendi a pergunta”, no trecho (17), extraído da amostra NURC/Rio-DID.

(17)

É, porque tornou-se de uma hora pra outra assim um bairro sofisticado, badalado, como se diz aí na gíria, né, muito badalado, né, e depois que apareceu aquela música aí “Garota de Ipanema” não sei o quê lá, aí todo mundo achou que era chique morar em Ipanema, não sei o quê lá. Mas esquece que muita gente mora aqui não porque é chique, porque é um bairro ...

D (sup.) Mas as contas do senhor não justificam isso, não?

L **Como? Não entendi a pergunta.**

D A maneira como são feitos os apartamentos de certo modo não haveria uma justificativa pro preço?

Ao notar que o entrevistado não entende propositalmente a pergunta, “Mas as contas do senhor não justificam isso, não?”, já que tal pergunta provocaria uma resposta relacionada à renda do entrevistado, a documentadora/entrevistadora atenua a pergunta/assertiva desviando a atenção quanto à relação dos custos. Lançando mão de estratégia de polidez, passa a ressaltar o aspecto arquitetônico dos prédios em Ipanema no turno: “A maneira como são feitos os apartamentos de certo modo não haveria uma justificativa pro preço?”.

## 2. Sociolinguística interacional e o jogo da conversa

A Linguística Socio-Interacional tem se concentrado no estudo dos eventos de fala em diferentes perspectivas discursivas, com o objetivo de verificar como a linguagem opera intencionalmente para a co-construção de sentidos. Tal abordagem tem identificado inúmeros marcadores discursivos, partículas que não apresentam função sintática muito clara que, no entanto, estão a serviço do planejamento, da sequenciação, da continuidade no processamento da linguagem, seja de um único falante, seja entre os falantes, que assumem papéis ao estabelecer relações assimétricas no jogo de poder, nem sempre explicitado nos enquadres conversacionais.

Os estudiosos da linguagem humana sustentam que, além da competência gramatical postulada em Chomsky (1965), os falantes possuem uma competência comunicativa, como entendida por Hymes (1961), sem a qual não é possível a existência de uma gramática despojada do módulo pragmático nas línguas. Para Chomsky, competência linguística significa o conhecimento de uma língua internalizada, e desempenho corresponde ao uso real da língua em situações concretas.

Hymes demonstra especial preocupação com o uso da língua, incorporando a dimensão social, comunicativa, ao conceito de competência linguística. Para Hymes, não basta que o indivíduo saiba e use a fonologia, a sintaxe e o léxico da língua. Para ser totalmente competente, é preciso saber também as regras do discurso específico da comunidade em que se está

inserido, além de saber quando falar, quando não falar, a quem falar, com quem falar, onde e de que maneira. Enfim, ter a capacidade de usar a língua em diversos contextos e para diversos fins.

A sociolinguística interacional, grosso modo, enfatiza e focaliza cientificamente o conhecimento sócio-cultural-cognitivo que se constrói e se expressa nas interações face a face, objeto central de pesquisa. Esse conhecimento está na base das interpretações sobre diferentes situações comunicativas e dos distintos papéis desempenhados pelos interactantes em uma conversa. As pesquisas na área buscam analisar o desempenho dos atores que, em geral, querem obter “sucesso” no jogo da conversa.

Assim, a forma como os membros de uma comunidade identificam os eventos de fala, a maneira como o *input* social varia no curso da interação e o modo como o conhecimento social produz a interpretação das mensagens reúnem o interesse precípua da sociolinguística interacional. O significado linguístico é, portanto, construído por um processo complexo de sinais linguísticos e não linguísticos por parte dos sujeitos em interação, ancorados no contexto (SCHIFFRIN, 1994).

O estudo da relação entre língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em eventos sócio-culturais específicos. De acordo com Tannen (1992, p. 2), são considerados para investigação tanto gêneros espontâneos, como a conversa entre amigos, além das interações mais gerais, produzidas em contextos institucionais, como uma consulta médica, uma entrevista, um debate acadêmico, uma aula, um sermão religioso e uma negociação empresarial.

Sob tal perspectiva, a análise dos marcadores discursivos se faz necessária. Grosso modo, marcadores discursivos são mecanismos que atuam no plano do discurso, da organização textual-interativa, estabelecendo algum tipo de relação entre as unidades textuais e/ou entre os interlocutores. Risso (1996) atesta a importância em descrever “a presença de um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no “amarramento” textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo da fala, e no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional” (RISSO, 1996, p. 31).

Marcuschi (1986) denomina os operadores discursivos da conversa como Marcadores Conversacionais. Verifica que esses elementos apresentam funções sintáticas tão responsáveis pela sintaxe da interação quanto pela segmentação, pelo encadeamento das estruturas linguísticas e pelas funções conversacionais. Segundo Marcuschi, é possível reconhecer dois grandes tipos funcionais: (a) os marcadores textuais (direcionados para a orientação do texto – marcadores ideacionais) e (b) os marcadores pragmáticos (orientados para a interação verbal – marcadores interpessoais).

### 3. Princípio da cooperação

No âmbito da Pragmática, Grice (1989) estabelece como princípio básico, regente da comunicação, o Princípio da Cooperação. De acordo com Grice, para um evento de comunicação ter sucesso, os interlocutores cooperam mutuamente. Koch (2008:27) vale-se da seguinte metáfora para explicar esse princípio: “quem se propõe jogar um jogo, aceita jogar de acordo com suas regras e fazer o possível para que ele chegue a bom termo”.

Para tanto, Grice postula quatro máximas:

QUADRO 1: máximas de Grice

|                      |   |
|----------------------|---|
| MÁXIMA DA QUANTIDADE | “não diga nem mais nem menos do que o necessário”.  |
| MÁXIMA DA QUALIDADE  | “só diga as coisas para as quais tem evidência adequada; não diga o que sabe não ser verdadeiro”. |
| MÁXIMA DA RELEVÂNCIA | “diga somente o que é relevante.”   |
| MÁXIMA DO MODO       | “seja claro e conciso; evite a obscuridade, a prolixidade etc.”.                                  |

Fonte: GRICE, H. *Studies in the way of words*. USA: Harvard University Press, 1989

Paralelamente, Grice postula o conceito de “implicatura conversacional”. Se tais máximas entrarem em conflito, ou se o locutor infringir intencionalmente tais máximas (e o interlocutor necessita calcular o motivo da “infração”) tem-se uma implicatura. Ou seja, Grice utiliza-se do conceito para caracterizar o que é sugerido, indicado, insinuado.

As implicaturas são contrastadas com aquilo que é dito (“*what is said*”). Ironias, subentendidos, metáforas seriam explicáveis pelas implicaturas conversacionais, pois violam intencionalmente algumas das máximas que regem o princípio da cooperação.

O respeito ao princípio de cooperação possibilita o desenvolvimento da interação discursiva de que os falantes participam. Os interlocutores de uma conversa devem estar atentos aos objetivos do evento de fala e direcionar os turnos adequadamente, desempenhar-se bem nos diversos enquadres interacionais: seguir o “rumo da prosa”, como preconiza a expressão em português popular brasileiro.

Grice (1989) desenvolveu um modelo de significado baseado na noção de “cooperação” e nos mecanismos racionais de dedução de significados. Já Searle, a partir dos estudos de Austin, aprofundou a teoria dos atos de fala, partindo do princípio de que uma das funções importantes da língua é a de executar ações. Assim, o trabalho de Searle focaliza as formas pelas quais o significado e a ação são desenvolvidos através da língua em um determinado contexto.

Segundo Schiffrin (1994, p. 378), a teoria dos atos de fala de Searle e a pragmática griceana veem o contexto como “conhecimento” dos falantes. Já a abordagem sócio-interacional considera contexto como “conhecimento” e “situação” em que os falantes estão inseridos. Ainda segundo Schiffrin (1994, p.386), tanto os estudos de Grice e de Searle quanto a sócio-interacional são modelos que relacionam discurso e comunicação. As teorias de Grice e de Searle indicam uma crença na harmonia como noção central à comunicação, tanto na dimensão do código quanto na dos mecanismos inferenciais.

Tal fato se verifica especificamente em Grice (1982) no “princípio da cooperação”, base da implicatura conversacional. O objetivo da comunicação é alcançar o reconhecimento das intenções do falante e do ouvinte, que funciona metaforicamente como um espelho, tentando alcançar o objetivo da comunicação do falante. Dessa forma, a tradição dos estudos pragmáticos de Grice e Searle acaba por imprimir um caráter ideal e harmônico à análise de contexto e interação.

A linguística sociointeracional vem nos proporcionar uma visão de interação mais conflituosa. Brown e Levinson (1978, 1987) propõem o paradigma da polidez como parâmetro universal, implementado nos eventos de fala, que se vincula ao princípio de salvamento de face. Durante os alinhamentos, numa conversa, há interesse, em princípio, de manter a fala do outro, de modo a salvar a sua. Mesmo em episódios de ofensas e xingamentos, há estratégias de salvamento de face, já que todos estão interessados em preservar a face. Na análise de alguns empregos de “oi?”, focalizados neste artigo, observamos que o operador pode estar a serviço tanto do salvamento quanto da quebra da face de si mesmo e do outro.

#### 4. “Oi” e “similares”: interpretação de alguns empregos

Além de “oi?”, os usuários da língua se utilizam de vários operadores, no contato linguístico com outros pares, em diferentes eventos de fala. Existem muitas estratégias interacionais para marcar quando o interlocutor não entende e pede uma explicação. A amostra NURC do Rio de Janeiro fornece alguns exemplos de tipos de marcadores com tal finalidade, no entanto o interlocutor não tem qualquer outra intenção senão a de entender melhor o que foi dito antes e/ou o que não conhece.

(18) 0144

Locutor 163

Sexo masculino, 58 anos de idade, pais não cariocas

Profissão: militar (Exército)

Zona residencial: Sul e Norte

Data do registro: 03 de abril de 1973

Duração: 45 minutos

L Nessa sala tem um piano, tem um espelho grande, desses que se usa em toda casa, né, tem um globo antigo, eh, tem um dunquerque.

D Tem o quê?

L Dunquerque.

D O que que é?

L O, o dunquerque é um móvel, eh, todo trabalhado, vermelho, com tampo de mármore e, e o meu é de vinhático.

A pergunta “o que que é”, no contexto, revela o desconhecimento por parte do interlocutor do que venha a ser um dunquerque, uma peça de mobiliário bem usada até os anos 80.

(19) Diálogos entre informante e documentador (DID).

Tema: "Casa"

Inquérito 0042

Locutor 0051 - Sexo feminino, 60 anos de idade, pais cariocas, bibliotecária. Zona residencial: Sul

Data do registro: 12 de julho de 1972

Duração: 75 minutos

DOC. - (sup.) A senhora chegou a morar em outra casa?

LOC. - Como?

DOC. - Chegou a morar em outra casa?

LOC. - Ah, morei. Quando eu saí daí eu fui pra, que era a rua da Passagem que hoje se chama General Góis Monteiro. Aí morei em casa.

O uso de “como”, no trecho (19), é uma forma polida que o entrevistado encontrou para ouvir novamente o que não registrou.

(20) Tema: "Casa"

Inquérito 0114

Locutor 130

Sexo masculino, 50 anos de idade, pais não-cariocas

Profissão: advogado

Zona residencial: Suburbana

Data do registro: 12 de outubro de 1972

Duração: 44 minutos

L (sup.) Depende, exato. Depende do tamanho. Mas de qualquer maneira, se as crianças não têm liberdade os pais têm, em matéria econômica.

D (riso)

- L Não é? Ele é senhor daquilo, ele diz: eu que não quero pintar hoje, vou pintar depois de amanhã, e no aparta...
- D (sup.) Mas uma casa em matéria de cômodos?
- L Como?
- D De cômodos ...
- L A casa?
- D A casa e o apartamento. Bom, o apartamento o senhor tem dois quartos e banheiro, etc. e a área comum, não é, pra todas as pessoas e (inint.)
- L Não.
- D E nós queríamos que você des... descrevesse a sua casa, o seu apartamento (inint.) as dependências, a decoração, as particularidades que (inint.) construção também (inint.)
- L Sei. O apartamento, o apartamento em que eu moro não é o ideal. Mas foi onde eu consegui arranjar para residir, embora tenha, tenha uma das coisas mais fabulosas que eu entendo, que é a recreação, de modo que depois do dia de labor, do dia de aflições, de muita luta é bom que a gente se recolha num lar onde pelo menos tenha alguma coisa que a, a gente goste e eu moro num lugar assim. Então eu acho que numa casa de campo deve ter todas aquelas facilidades para que o indivíduo se sinta bem: banho quente, não é, banheiro com banho quente, que lá fazia frio na ocasião, quer dizer, por isso que eu lembrei.
- D Pra que haja banho quente é preciso o quê?
- L Heim? Que que é preciso como? Num lugar onde não tem, precisa do gás, né?
- D Isso.
- L Se não tiver gás, tem que ter um aquecedor, uma eletricidade que tenha aquele ... Ligação própria para um aquecedor. E, eu estive num outro local onde eles instalaram uma, um, um dínamo e fizeram ...

Os operadores do tipo “sei”, “como?” e “heim?” são opções possíveis para os falantes cooperativos, interessados em manter a continuidade tópica, nem sempre muito explícitas quanto ao entendimento do que está sendo falado. Na conversação, a busca para evitar a quebra de face e manter

a polidez é o exercício esperado quando se deseja bom andamento do discurso em contexto interacional.

(21) Tema: "A cidade e o comércio"

Inquérito 0140

Locutor 159

Sexo feminino, 55 anos de idade, pais não-cariocas

Profissão: técnica em educação

Zona residencial: Norte

Data do registro: 27 de março de 1973

Duração: 40 minutos

L Quais são os serviços de, de utilidade pública que uma cidade precisa?

D Inúmeros, né? Vamos ver: telefone, luz e gás, transporte, esgoto, condução. Que mais? Telefone já disse, né? Que mais? Ah, bombeiro, polícia. Hoje em dia são de utilidade pública. Até táxi eu considero de utilidade pública.

L É? (sup.)

D (sup.) Porque eu uso muito o táxi (sup.)

L (sup.) Hum, hum (sup.) (sup.) E eu acho que é um serviço de utilidade pública. Você quer que eu fale sobre a cidade, né?

D Hum.

L A cidade que eu acharia gostosa (sup.) Eu tenho pena porque é casa, é melhor do que apartamento, tem ... Apartamento dá muita confusão. Porque todos os meus parentes vieram pra cá inclusive meu filho que casou, que teve filhos (inint.) tinha netinhos, eu fiquei com pena de morar longe porque eu acho que devia de aproveitar essa época mesmo de lidar com a criança. Vim por causa deles, agora lamento muito porque acho que casa é mil vezes melhor do que apartamento.

D Hum, hum.

L Eu tentei comprar uma casa aqui, mas as casas aqui estão absurdamente caras, né?

(tosse) É uma rua pequena. A rua te... ah, se não me engano terminava no número sessenta e cinco, então você vê que era uma rua pequena. Se você for ver era uma rua que não tinha saída e terminava numa volta que formava como se fosse uma praça. Havia poucos apartamentos, deixa eu dizer a você quantos precisamente: um, dois ... Havia três pr... três prédios de apartamentos pequenos porque o gabarito era baixo e todas as outras casas eram casas residenciais.

D Hum, hum.

L As do final exatamente eram as mais novas, onde estava a minha, que as do começo eram casas mais antigas, depois é que eles abriram a rua com esse pedaço fazendo a voltinha lá perto da nossa e então nós com... compramos o terreno pra fazer essa casa lá. Uma casa boa, nova (sup.)

Formas curtas e econômicas como “é” e “hum, hum” podem indicar intenção cooperativa, obedecendo, ao mesmo tempo, à máxima da quantidade, que preconiza economia linguística como estratégia de expressividade e comunicabilidade nas interações verbais.

Nos exemplos apresentados, verifica-se que não há paralelo com o efeito de sentido que “oi?”, motivo do presente estudo, imprime nos contextos em que é usado. Com a intenção de omitir uma informação, de externar surpresa diante de reação que não se espera do interlocutor, quebrando-lhe a face, a expressão “oi?”, em tela, surge no cotidiano a partir das interações informais, de maneira inesperada, porém intencional por parte de quem o produz. Vejam-se o trecho da personagem de Cláudia Raia em que a artista contracena com futuros enteados, de forma infantilizada, mas se surpreende com a reação dos meninos, tão contrariados e espertos que, na primeira oportunidade, deixam claro que não gostaram da opção do pai em namorá-la.

(22) Cláudia – Crianças (tomando um copo de licor), o álcool é o pior inimigo do homem. Mas o homem que foge dos seus inimigos é um covarde.

Criança 1 - Pelo visto você é bem corajosa!

Criança 2- Corajoso é meu pai!

Cláudia - Oi?

Na interação, a personagem emprega o operador “oi?” para se mostrar desentendida, enquanto dá tempo de alguém intervir na cena. A personagem (futura madrastra) entendeu perfeitamente a rejeição do enteado (filho 2) e emprega o “oi?” como estratégia de manutenção da face.

Empregos semelhantes foram identificados no conjunto do que denominamos aqui dados dispersos, amostra constituída a partir do procedimento de coleta de dados também utilizado em Mollica (1989). São trechos vivenciados pelos pesquisadores e anotados no momento em que as interações se deram.

- (23) Aula de Latim, conversa entre a professora e uma aluna em meio ao barulho dos alunos conversando.

Professora: Na próxima prova não serei misericordiosa!

Aluna: **Oi?**

Numa tentativa de cessar a conversa dos alunos e dar prosseguimento à matéria, a professora diz que não será misericordiosa na próxima prova, dando a entender que nas provas anteriores ela fora mais maleável com os alunos. Logo após a sua afirmativa, em meio ao barulho da turma, uma aluna utiliza o “oi?”, o que nos leva a inferir que a aluna se faz de desentendida perante a professora que, por sua vez, capta a intenção de deboche da aluna e continua a aula.

- (24) Corredor central da Faculdade de Letras, conversa entre três pessoas que pretendem comprar agendas.

Carolina - (Abre a carteira e deixa aparecer algumas notas)

Mariana - Ih, tá cheia de dinheiro! Vai pagar a agenda da Samara?

Carolina - **Oi?**

Em (24), após insinuação explícita de que Carolina pagaria para todos, “oi?” corresponde a “não”, uma negativa sutil por parte de Carolina

que, com a surpresa pelo fato de ser provocada pela colega, finge que não escutou e responde à insinuação com outra pergunta.

(25) Em casa, conversa entre mãe e filha.

Mãe (pega um livro em cima da mesa) - Pegou esse livro na biblioteca da Faculdade?

Filha - Peguei. Mas tenho que ler pra segunda (é sexta), tenho quase certeza que não vou conseguir!

Mãe - Ué, então por que só pegou ele hoje? Em cima da hora?

Filha - **Oi?**

O emprego do “oi?” revela claramente que a filha entendeu a advertência da mãe quanto a ela retirar o livro da biblioteca sabendo que não haveria tempo de estudar. Para evitar confronto, emprega o “oi?” como operador de salvamento de face.

(26)

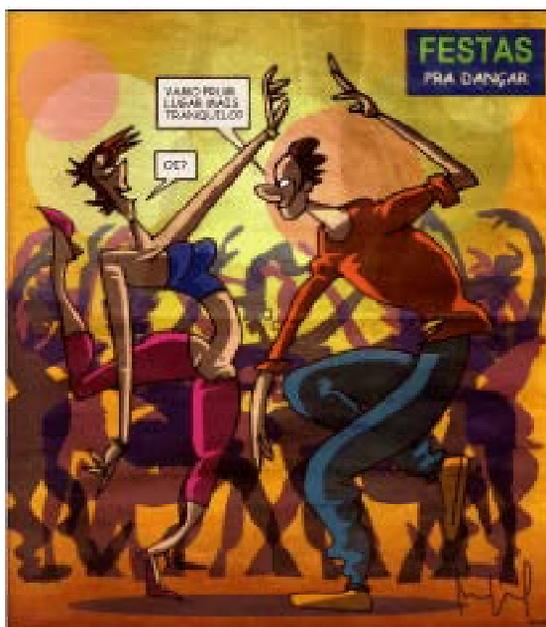


(O GLOBO, 22/01/2012)<sup>9</sup>

<sup>9</sup> É importante salientar que esse “oi?” já foi para a escrita de charges de tão marcado e inusitado seu uso.

Em (26), assim como em (25), o emprego de *oi?* revela que a filha entendeu a cobrança do pai quanto à realização de seus afazeres, da mesma maneira que em (25) a filha, com o intuito de salvar sua face, de não entrar em confronto com o pai, utiliza-se do marcador “oi?”.

(27)



(O GLOBO, 02/03/2012)

Já em (27), a utilização do “oi?” é ambígua. Ela (a dançarina no meio do bloco dançando com o rapaz) pode ter feito uso do operador para: (a) se fazer de desentendida quanto ao convite do rapaz, salvando assim sua face ao não optar por responder imediatamente com uma estrutura de negação; (b) indicar que realmente não ouviu devido ao barulho da música muito alta, comum em pistas de dança, sendo esse uso similar ao *hein?*, *como?* já examinados anteriormente.

## 5. Algumas considerações: “oi?”, a máxima da quantidade e o princípio da polidez

Dizer o suficiente e de forma econômica, no contexto situacional certo, não é privilégio dos mais letrados. Este estudo, ainda que preliminar e de

caráter exploratório, evidencia que todos os falantes possuem competência comunicativa bem desenvolvida, a tal ponto de, com poucas palavras, precisamente, apenas com o emprego de “oi?” são capazes de mostrar surpresa, deixar informações subentendidas, ser irônicos na conversação. Aparentemente polido, o emprego de “oi?”, nos contextos analisados neste texto, imprime esperteza por parte do interlocutor que quer deixar oculta alguma informação. Os falantes mais sensíveis conseguem perceber a malícia, embora a intenção seja de salvamento de face.

O emprego de “oi?”, que parece ser recente no PB em eventos interacionais, é de uso popular. Supomos que “oi?” vem se alastrando nas camadas menos letradas e se infiltrando pouco a pouco. É possível que outros operadores estejam percorrendo o mesmo caminho, tal como registramos certo uso de “hein?”, em (28), na amostra NURC/Rio.

(28) DOC. - eu só queria agora... eu só queria ouvir de você o seguinte... você acha que... o que nos espera?

LOC. - **Hein?**

DOC. - (o que nos espera?)

Pouco disposto a responder à pergunta do documentador, o entrevistado “se faz de desentendido”. Reparem que, no trecho (29) a seguir, o entrevistador propositalmente não responde, digamos, “não engole a isca” do interlocutor e finalmente consegue a informação desejada.

(29) Senhora dirigindo-se ao motorista dentro do táxi.

Senhora: Este carro não está mais em condições de rodar.

Motorista: **Oi?**

Senhora: (silêncio proposital)

Motorista: Este carro só tá com problema nas poltronas que tão soltas. Não é suspensão não.

Em (29), a senhora (linguista atenta) se silencia diante do “oi?” de propósito, à espera da informação que não tinha sido dada de modo a checar suas intuições com relação ao emprego do “oi?” em contexto interacional. Surpreende-se com o fato de que não só suas hipóteses se confirmavam

quanto ao “oi?”, de conotação negativa, como também se dá conta de que, ainda que o falante tenha consciência de seu emprego como um operador de salvamento de face, acaba por se trair na “mentira” e sua reação pode provocar a quebra de face que desejava preservar.

Assim, neste artigo, ao analisar fenômeno emergente no português coloquial, atestamos que a micro-análise, voltando-se para a investigação de distintos enquadres conversacionais, sob perspectiva qualitativa, com base em postulados da Sociolinguística Interacional, mostra-se suporte teórico-metodológico adequado. No nosso entendimento, constitui instrumento poderoso para analisar operadores discursivos e suas funções, dado que interpreta o efeito de fatores normalmente não analisados em estudos sociolinguísticos de tradição variacionista clássica sobre as escolhas linguísticas dos falantes.

Controlar variáveis com relação ao perfil do falante interagente e de outros micro-fatores é imprescindível para o analista da conversa. Neste texto, no entanto, nós nos restringimos a lançar algumas luzes sobre o marcador “oi?”, que se acha no aguardo de estudos aprofundados com base em *corpora* estatisticamente controlados e/ou em outros frames.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. F. *(Im)polidez em EAD*. UFRJ, Tese de doutorado, 2010.

BECHARA, E. *Moderna Gramática*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

CHOMSKY, N. *Aspects of theory of syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1965.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Universals in language usage: politeness phenomenon*. GOOD, E. (ed.). *Questions and politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

\_\_\_\_\_. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CASTILHO, A. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GERALDO DA CUNHA, A. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

GRICE, H. P. *Logic and Conversation*. COLE, P.; MORGAN, J.L. (eds). *Syntax and Semantics*. New York Academic Press. v. 3, p. 43, 1975.

\_\_\_\_\_. *Lógica e conversação*. In: DASCAL, Marcelo (org). *Fundamentos metodológicos da linguística . Pragmática*. Campinas, v. IV, 1982.

\_\_\_\_\_. *Studies in the way of words*. USA: Harvard University Press, 1989.

HEINE, B et al. *Grammaticalization – a conceptual framework*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1991.

HYMES, D. *Functions of speech: an evolutionary approach*. GRUBER, F.C. (Ed.). *Anthropology and education*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1961.

MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MOLLICA, M. C. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1989.

PORTO: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-11-14].

SEARLE, *Speech Acts*. Cambridge. 1969.

Máximas conversacionais. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$maximas-conversacionais](http://www.infopedia.pt/$maximas-conversacionais)>. Acesso em 14 nov. 2011.

SILVA, G. M.; MACEDO, A. T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. MACEDO, A. T.; RONCARATI, C. N.; MOLLICA, M. C. (Orgs). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996.

RISSO, M. S. “*Agora... o que eu acho é o seguinte*”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v. III, 1996.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TANNEN, Deborah (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, N.J.: Ablex, 1982.

\_\_\_\_\_. *Conversational Style: analyzing Talk Among Friends*. Ablex Publishing Corporation Norwood, New Jersey 07648, 1984.